

REPÚBLICA PORTUGUESA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

---

# RELATÓRIO

DA VISITA À

Exposição de Aguarela,

---

Desenho e Miniatura

---

DA

SOCIEDADE NACIONAL DAS BELAS ARTES

POR

JOSÉ VIEGAS FERREIRA

Aprendiz do 4.º ano da Escola Tipográfica

PUBLICAÇÃO NOS TERMOS DO ARTIGO 313.º, § ÚNICO  
DO REGULAMENTO GERAL

---

X

---



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1916

IMPRESA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BTAG N.º 222  
Est. 3 Sec. 2.ª

Prat. C.ª Div. 1.ª Plano 2.º

Reg. de entrada: N.º (19 )

1768 1923



EX LIBRIS  
DA BIBLIOTECA DA  
IMPrensa  
NACIONAL  
DE LISBOA

REPÚBLICA PORTUGUESA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

# RELATÓRIO

DA VISITA À

Exposição de Aquarela,

Desenho e Miniatura

DA

SOCIEDADE NACIONAL DAS BELAS ARTES

POR

JOSÉ VIEGAS FERREIRA

Aprendiz do 4.º ano da Escola Tipográfica

PUBLICAÇÃO NOS TERMOS DO ARTIGO 313.º, § ÚNICO  
DO REGULAMENTO GERAL

X



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1916

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

# VISITA

À

## EXPOSIÇÃO DE AGUARELA, DESENHO E MINIATURA

---

Houve já em Lisboa três colectividades de carácter puramente artístico: a Sociedade Promotora das Belas Artes em Portugal, o «Grupo do Leão» e o Grémio Artístico. O segundo, principalmente, se bem que pouco durasse, influíu sobremaneira no progresso da arte portuguesa; e o Grémio Artístico não foi mais do que seu desenvolvido seguimento: Silva Pôrto, fecundo génio pela morte cedo arrebatado, foi o iniciador de ambos, e era quem neles pontificava. Dissolvidas elas, por motivos que para aqui não importam, os seus antigos elementos, colaborando com novos, fundaram então a Sociedade Nacional das Belas Artes, sem dúvida a mais próspera e completa das que tem existido. Durante anos, empenharam-se as direcções desta em instalá-la condignamente — difícil mas legítima ambição, por fim realizada. Em breves linhas se relata como.

2

Um benemérito legara à Câmara Municipal terreno para uma escola, na Rua de Barata Salgueiro ; mas, ao tempo, ainda rareavam por ali as habitações : viu-se por esta circunstância ser impróprio o lugar, e a planeada escola pouco se alteou dos alicerces. Entretanto, passavam os encargos da instrução para o Ministério do Reino, que, depois, cedeu o terreno à novel Sociedade, para erigir nele a sua sede, — no prazo de dois anos, conforme expressa cláusula, ou a concessão se invalidava. E, se de futuro se criassem aulas, aí funcionariam. Interpretavam-se, dalgum modo, as ideas do doador.

Obtida a verba necessária, após custosas diligências, por empréstimo contraído com pesado juro na Caixa Geral de Depósitos, o Sócio Sr. Álvaro Machado delineou o projecto architectónico, de estilo sóbrio, mas elegante.

O edificio pertence, de direito, ao Estado, que o pode reclamar se dêle houver mester, recebendo porê m a renda annual de 500 escudos, em produções para os museus. A sala principal, térrea, dividida por engenhosas armações de fácil desmontagem em cinco repartimentos, mede 99 metros de comprimento. Depois da chamada Sala do Risco<sup>1</sup>, do Arsenal de Marinha, é a mais ampla de Lisboa.

---

<sup>1</sup> Na altura em que êste relatório foi apresentado ainda a *Sala do Risco*, do Arsenal, se ostentava em toda a sua interessante imponência. Um violento incêndio, porê m, destruiu-a completamente em 18 de Abril último.

Em o nosso apático ambiente, onde a cada momento falecem energias que se julgavam fortes, a história desta prestigiosa agremiação revela um invulgar exemplo de vontade e perseverança — condições essenciais para o triunfo de qualquer emprêsa. Pode e deve servir-nos de ensinamento.

O facto de a Câmara dos Deputados, em sessão de 27 de Maio de 1911, a reconhecer *insti-tuição de utilidade pública*, não foi senão um acto de justiça, pois ao Estado incumbe o tornar notória a forma saliente por que qualquer particular contribui para o progresso da colectividade, animando-o não só com o seu louvor, mas também com a sua protecção.

Necessitam os artistas de exhibir os seus trabalhos para mais fácilmente lhos comprarem, e para que os críticos os apreciem e lhes dêem certas indicações proveitosas: assim obtêm a paga de seus esforços e conseguem aperfeiçoar-se e renomear-se. Eis o lado *material* das exposições, e ninguém de bom senso o menosprezará. Mas deve encarar-se também a influência por elas exercida nos espíritos, criando e apurando o gosto, dando, em summa, noções precisas do que seja o belo: e êste aspecto, a meu ver, sobrepuja muito o primeiro — pois, sendo o belo a verdade, da sua exacta compreensão quanto não lucrará o indivíduo, quam grandes vantagens não tirará um povo!

¡ As exposições de arte ! E tantos as visitam pelo prazer único de admirar os tons firmes, as linhas bem lançadas, tudo finalmente que caracteriza uma técnica irrepreensível ! A mim, a perfeição, só por si, não me satisfaz : aspiro a um que quer que seja de mais alto — a *alma das cousas* talvez. Procuro adivinhar, na sensibilidade dos outros, reflexos da minha própria sensibilidade. Impressões, por poucas que receba, desejo-as no requinte.

¡ Figuras e paisagens, quantas me comovem sem que eu possa explicar porquê !

Nas primeiras exposições por esta Sociedade organizadas, e cujo êxito desnecessário é lembrar, viam-se, de mistura, obras de todos os géneros, donde um acúmulo prejudicial à sua conscienciosa apreciação. Obviou-se a êste grave inconveniente estipulando-se, em um novo regulamento, que se realizaria em 15 de Maio de cada ano uma exposição principal, e em 20 de Dezembro outra reservada a aquarela, desenho e miniatura. Dêste modo, o visitante pode ajuizar do valor real dos trabalhos expostos, sem que o seu exame se ressinta de influências exteriores.

Nem eu quero comentar aquilo que vi, nem que o quisesse o soubera, pôsto que um artista ilustre sábiamente nos encaminhasse. A minha ignorância, achá-la hão porventura censurável : mais o fôra, todavia, uma presumida sisudez.

Tentarei apenas, embora de uma maneira incompleta e vaga, fixar amoráveis recordações, que o tempo consigo levaria.

Primeiramente, e logicamente, ocupar-me hei dos desenhos.

O Desenho, como todos sabem, é a base das denominadas *artes plásticas*, *artes maiores* (em oposição às *artes menores*), *belas artes* (na sua acepção mais restrita), ou, também, *artes do DESENHO*: a *pintura* (manifestação superior delas), a *escultura* e a *arquitectura* (forma menos impressiva, e por isso considerada inferior). A sua origem ascende a épocas remotíssimas: o feroz troglodita rabiscava já figuras, com mais ou menos regularidade, nas paredes da sua caverna.

Por diferentes modos se executam os desenhos: simplesmente a lápis, a carvão, a sanguínea, etc. Algumas vezes aplicam toques de *gessete* (lápis branco), que realça mais do que o papel. Seria interessantíssimo esmiuçar esta parte: impede-mo, porém, a falta de conhecimentos a ela respeitantes.

Assinam os trabalhos expostos: Artur Alves Cardoso, José Albino Armando, António Gonçalves de Azevedo e Silva, Carlos Bonvalot, Leandro João Calderon, Raúl Marques Carneiro, D. Maria de Jesus Velez Conceição Silva, Martinho da Fonseca, Pedro Guedes, Alberto de Lacerda, Alfredo Miguéis, Joaquim Porfírio, Arnaldo Ressano Garcia, Eduardo Gil Romero, Fernando Santos, Edmundo Tavares e João Vaz. O esmêro com que todos se houveram

dispensar-me-ia de especializações. Não obstante, a dois artistas eu salientarei, pois que, em verdade, aos outros claramente sobrelevam : Alves Cardoso, consagrado noutros géneros, e que em vários desenhos de soberbo acabamento honrou o seu nome, e, principalmente, João Vaz. Este, em um difficilimo carvão, o *Convento de Cristo*, copiou o modelo com tam flagrante nitidez, que nos maravilha. Os traços, por mais subteis, não se desviam ; salta-nos bem aos olhos o conjunto ; e essa veneranda negrura de que os séculos cobrem os monumentos, com que fidelidade se não acha reproduzida !

Notarei ainda, pela novidade, o *Projecto de um artistico jardim de inverno, em perspectiva, para scenário*, a lápis, de Calderon.

A secção mais escassamente representada é a das miniaturas. A qualidade, porém, supre, até certo ponto, a quantidade. Nela apenas se vêem : 6 retratos de D. Maria de Jesus Velez Conceição Silva, 1 retrato de Alberto Sousa, e uma grande vitrina com diversas produções de Artur Vieira de Melo.

A «miniatura» faz-se com *guache* (nome consagrado das tintas moídas em gelatina ou albumina) sôbre uma pequena medalha ou broche, de marfim, em forma de círculo ou de oval : para ficar perfeita, demanda extrema delicadeza. Usa-se pintar o busto de uma pessoa, e constitui assim uma cômoda e bonita recordação.

Artistas de renome dedicaram-lhe outrora seus cuidados. Hoje, em vista dos progressos da fotografia, tem-na descurado bastante.

Chegámos à mais importante secção : a das aguarelas.

Designa-se por «aguarela» uma pintura feita com tintas diluídas em água simples, e que é notavelmente difícil : até o próprio papel serve de fundo. Nem só sôbre papel, todavia, se usa a aguarela : também sôbre marfim, cartão, e, adicionando-se-lhe um mordente ligeiro, sôbre pelúcia, sêda e outros tecidos semelhantes. É a pintura que melhor se conserva, depois da dos óxidos metálicos, sôbre faiança e porcelana.

Sem ofensa dos princípios de abstenção crítica a que me obriguei, posso afirmar, duma maneira geral, que, do conjunto, sobressaem os que a experiência já de longa data como mestres nos impôs : Gameiro, Moraes, Ribeiro Cristino, João Vaz e Alves de Sá. Outros ainda merecem anotação à parte : vê-los hemos adiante.

Alfredo Roque Gameiro, o Mestre dos Mestres, é, como sempre, e sem contestação, quem mais brilhantemente se apresenta. Nos seus 23 quadros — vinte e três pérolas engastadas no fulgurante diadema da Arte Portuguesa — palpita com impetuosa violência a chama criadora do seu inconfundível talento. Muitos dêles (*Costumes do Pôrto, A procissão dos Passos, Costumes de Aveiro, A Liteira, A procissão «ad petendam pluviam»*, *Um sarau no Rio de Janeiro*,

*A Cadeirinha*), sôbre motivos anteriores à primeira metade do século passado, pertenciam a uma coleção de 50 ilustrações, destinadas a um álbum, que se não chegou a publicar. Nos restantes, o mesmo vigor se observa, e até num dêles, talvez o melhor, a *Rua de S. Miguel* (adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa), o próprio artista adicionou ao modelo uns tipos populares de sua lavra, a fim de o aformosear. Pena fará mais tarde o não lhe coligirem as obras em museu adequado, e o dispersarem-se elas por mãos de donos vários, a quem — tantas vezes! — só a vaidade satisfazem.

No *Retrato*, na *Leitura interessante*, no *Sem peixe* e no *Costume de 1820*, nestes dois em especial, Alfredo de Moraes confirma, de novo, os legítimos créditos que goza de primoroso aguarelista.

João Ribeiro Cristino da Silva, já herdeiro dum nome de sólida reputação, a qual êle tem progressiva e grandemente aumentado, concorre com um tríptico, *Recordação de Madrid (Na Plaza Mayor — Na Castellana — No Prado)* e dois trechos da Alenquer antiga: o *Arco do Castelo* e o *Arco da Conceição*. Exhibe pouco, mas nesse pouco não sofre uma quebra o seu cuidado estilo.

Há um professor de autoridade inconcussa, sempre meticuloso no assunto a escolher, e a quem não atemorizam obstáculos, para outros talvez insuperáveis: João Vaz. Acima me referi já ao seu magistral *Convento de Cristo*; agora, com idênticas, se não com maiores pa-

lavras de elogio, apontarei a *Janela* do Mosteiro de Jesus (Setúbal), e a *Torre* e o *Claustro* do mesmo Mosteiro, estes um tanto inferiores em relação ao primeiro, embora os três sejam impecáveis.

Alves de Sá mostra, na *Manhã nublada*, nos *Barcos no Tejo*, no *Recanto no Ferrugento* e em vários outros quanto pode um apurado gosto, aliado a um profundo conhecimento da técnica.

Dos novos, revelou-se uma prometedora esperança: José Júlio Marques Leitão de Barros. Não lhe regateou louvores quem de mais autoridade para lhos dar; não lhos negaria eu também, se os meus em alguma conta se pudessem ter. Os seus 15 quadros, e sobretudo as *Torres de Santa Maria*, o *Arco da Misericórdia*, a *Porta da Misericórdia* e a *Biguinha*, creio-os verdadeiras obras primas para um principiante.

A representação feminina, que, por muito distinta, não seria justo nem delicado olvidar, constituem-na: D. Maria Alice de Matos Carneiro, D. Hebe C. Gonçalves Gomes, D. Laura de Almeida Nogueira, D. Beatriz Elsa de Castro Ribeiro, M<sup>elle</sup> Milly Possoz, D. Helena Roque Gameiro e D. Raquel Gameiro Ottolini. Estas duas últimas senhoras foram as que mais se evidenciaram, pela excelência das suas produções. D. Raquel Ottolini, quer no *Despertar*, quer no *Antes do banho*, quer em tudo mais, manifesta rara vocação artística. D. Helena Gameiro pode, sem favor, igualar-se-lhe; e, quanto a mim, é do *Interior* e das *Glicínias* que mais se deve orgulhar.

Particularizarei também M<sup>lle</sup> Milly Possoz, pela excentricidade que caracteriza as suas obras, as quais se filiam em uma curiosa e recente escola, inimiga dos métodos clássicos, e chamada *impressionista*. Dizem-se os adeptos desta escola incompreendidos : e tem razão !

De entre as restantes aguarelas que melhor impressão me causaram, citarei algumas, ao acaso : um *Estudo*, de David Estrêla de Melo ; um *Mendigo*, de Eduardo Romero ; o *Lavandouro dos Alvogos*, a *Eira do João Alto*, o *Tipo de Espanhola*, de João Marques ; o *Jardin du Luxembourg*, *No Bairro de Santa Maria*, de Alfredo Miguéis ; *A assadeira de castanhas*, de Arnaldo Ressano Garcia, etc. Por aqui me detenho, visto que já vai longo êste escrito, mas enumerarei ainda, antes de findar, os expositores até agora não mencionados : José de Almeida e Silva, António Gonçalves de Azevedo e Silva, José de Barros, José Samora Barros, Bemvindo Ceia, Francisco Romano Esteves, Álvaro da Fonseca, Pedro Guedes, Tertuliano de Lacerda Marques, João Marques, Narciso de Morais, José de Sousa Moura Girão, António Ferreira Quaresma Júnior, Miguel Tôrres do Vale Queriol, Gilberto Renda e Alfredo Carlos da Rocha Vieira.

Lisboa, Janeiro de 1916.

*José Diegas Ferreira.*



## RELATÓRIOS JÁ PUBLICADOS

---

- I—*Visita à Casa da Moeda*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- II—*Visita ao jornal «O Século»*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- III—*Visita à Biblioteca Nacional*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- IV—*Visita ao Laboratório de química da Faculdade de Ciências de Lisboa*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- V—*Visita à Litografia Portugal*, por José Luís das Neves, aprendiz da Oficina Litográfica.
- VI—*Visita à Escola Afonso Domingues, Igreja da Madre de Deus e Asilo Maria Pia*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- VII—*Visita ao Jardim Zoológico*, por Vasco Gomes de Oliveira, aprendiz da Escola Tipográfica.
- VIII—*Visita à Fábrica de papel da Abelheira*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- IX—*Visita à Manutenção Militar*, por Joaquim Gomes Pinto, aprendiz da Escola Tipográfica.

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO